

Temática Livre:

A tradição oral na obra de Jorge Amado

The oral tradition in the works of Jorge Amado

DOI: 10.59666/fiosdeletras.v3i06.4768

Revista Fios de Letras

ISSN: 2966-0130

v. 3, n. 06, e062604, jan-jun, 2026

Informações sobre os autores:

1 Doutor em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Especialista em LETRAS: Português e Literatura pelas Faculdades Integradas de Jacarepaguá – FIJ. Graduação em Letras: Português e respectivas literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade TECSOMA. Graduação em Serviço Social pela Universidade Norte do Paraná – UNOPAR e graduação em Pedagogia pela Universidade Paulista – UNIP. Atualmente é professor efetivo de Língua Portuguesa da Educação Básica na rede pública municipal de ensino na cidade de Palmas-TO. Atua nas linhas de pesquisa: Literatura, crítica e comparatismo com foco interseccional entre Literatura e Religiosidades e Literatura, produção cultural e modos de vida.

Fluxo editorial:

Recebido: 25/09/2025

Aceito: 04/06/2026

Publicado: 05/06/2026

Marcelo Barbosa dos Santos ¹



Universidade do Estado da Bahia



professormarcelobarbosa@gmail.com



Resumo: O artigo resulta de pesquisas em andamento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Este texto é construído a partir da seguinte questão: por que Jorge Amado (1912-2001) insere a oralidade em sua obra? A partir dessa indagação, busca-se investigar o emprego da oralidade na produção literária de Amado para a valorização da cultura popular. A hipótese é que a oralidade se apresenta na obra amadiana para dar visibilidade ao discurso das personagens representantes do povo, às poéticas orais (samba, canção, acalanto, embolada e versos de ABC de cordel) e à contação de histórias, haja vista que, desde quando era um menino grapiúna das terras de cacau, a cultura popular fez parte de sua vida. Para isso, são apresentados conceitos de literatura oral, literatura de cordel e seu gênero ABC que se faz presente nas narrativas amadianas. Além disso, é discutido, de modo breve, a importância de se trabalhar essa tradição oral na educação básica a partir de exemplos retirados dos romances de Amado. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica em textos de Abreu (1999), Costa (2014), Câmara (2013), Ferreira (2007, 2013, 2014), Viana (2009), Amaral (2013), entre outros estudados. Das reflexões presentes neste artigo, pode-se concluir que a oralidade aparece nos romances amadianos para enaltecer, respeitar e valorizar as produções de artistas populares negligenciadas pela literatura formal.

Palavras-chave: Jorge Amado. Oralidade. Narrativas ficcionais.



This work is licensed under a Creative Commons
Attribution 4.0 International License.

Plagius

Verificador de Plágio

Abstract: This article is a result of ongoing research in the Postgraduate Program in Cultural Criticism at the University of the State of Bahia (UNEB). This text is built upon the following question: why did Jorge Amado (1912-2001) include orality in his work? From this question, we seek to investigate the use of orality in Amado's literary production as a way of valuing popular culture. The hypothesis is that orality is present in Amado's work to give visibility to the discourse of characters who represent the people, to oral poetics (samba, songs, lullabies, embolada, and ABC verses from "cordel" literature), and to storytelling. This is evident as popular culture was a part of his life since he was a young "grapiúna" boy in the cocoa lands. To support this, concepts of oral literature, "cordel" literature, and its ABC genre, which is present in Amado's narratives, are presented. In addition, the importance of working with this oral tradition in basic education, using examples from Amado's novels, is briefly discussed. The methodology adopted is bibliographic research of texts by Abreu (1999), Costa (2014), Câmara (2013), Ferreira (2007, 2013, 2014), Viana (2009), Amaral (2013), and others. From the reflections in this article, it can be concluded that orality appears in Amado's novels to praise, respect, and value the productions of popular artists who were neglected by formal literature.

Keywords: Jorge Amado. Orality. Fictional narratives.

Introdução

Este texto resulta de pesquisas em andamento no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural – Pós-Crítica, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, do Departamento de Linguística, Literatura e Artes – DLLARTES, campus II, Alagoinhas.

É por saber que Jorge Amado (1912-2001) tem a habilidade de nos fazer sentir a sensação de que estamos em uma plateia, ouvindo um contador de histórias ao lermos suas produções literárias, a exemplo do romance *Mar morto* (1936), nosso *corpus de pesquisa* no mestrado em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT, campus Porto Nacional, cuja conclusão, em 2021, dá origem à dissertação "Uma leitura arquetípica do feminino em *Mar morto*, de Jorge Amado: o sagrado e o humano, com foco nas personagens Iemanjá e Rosa Palmeirão", que discutimos, neste texto, quem cria e apresenta o termo "literatura oral" e qual o significado do vocábulo "literatura" para investigarmos o porquê Amado insere a oralidade em sua obra. Esclareço que tal narrativa acima citada ainda é *corpus* de nossas pesquisas no doutorado em Crítica Cultural da UNEB, mas com foco na cultura popular e na personagem Rosa Palmeirão.

A partir disso, apresentamos, brevemente, outras discussões de alguns teóricos acerca da poesia oral, da literatura de cordel e seu gênero ABC e da importância da oralidade ser trabalhada no ambiente escolar, haja vista que a cultura oral é valorizada pelos documentos que normatizam os conteúdos educacionais. Para isso, são expostos alguns trechos das

narrativas de Amado que exibem marcas da oralidade, fragmentos que podem ser inseridos nos planejamentos anuais, mensais e semanais do professor para serem utilizados na prática docente cotidiana do licenciado em Letras-Língua Portuguesa da educação básica.

Segundo Costa (2014), o termo “literatura oral” é criado e apresentado por Paul Sébillot (1843-1918), em 1881, como uma arte cultural presente na vida da população. Para essa autora, isso significa que, ao expressar seus sentimentos e emoções, determinado grupo social destaca os seus valores e seus modos de vida, isto é, a sua identidade cultural por meio da intitulada arte literária.

Ainda segundo a pesquisadora acima citada, o vocábulo “literatura” significa uma mensagem expressa por meio da escrita. Assim, o termo “literatura oral” se torna contraditório, pois essa expressão passa a ser usada para designar produções poéticas transmitidas no campo da oralidade. Nesse sentido, essa literatura possui um caráter popular que expressa nossos valores e modos de vida, fato que nos remete à obra do autor Jorge Amado (1912-2001), que, de acordo com Câmara (2013), utiliza a linguagem da tradição oral para “colorir” suas produções de “literatura popular”, pois sua criação literária descreve a memória e os modos de vida culturais dos povos baianos.

Dessa maneira, para Costa (2014), por fazer parte da tradição, a “literatura oral” é de autoria desconhecida, diferentemente da escrita que possui determinado autor. Nesse sentido, diz que um texto, ao ser criado, toda vez que é dito, sofre alterações ao longo do tempo e, por esse motivo, se torna de domínio público, e seu autor se perde no tempo e nas suas diversas (re)criações.

Então, entendemos que essas produções coletivas se transformam em uma cultura popular que pode ser conceituada como a maneira ou o modo das pessoas – que vivem à margem da sociedade – manifestarem a sua identidade por meio da fé, da luta por sobrevivência e por questões de caráter sociopolítico-culturais, de festejos locais e populares.

Segundo Fernandes (2003), a poesia oral, a partir do século XVIII, fica em segundo plano para a crítica literária, porque é desvinculada da escrita por ter um caráter popular ou primitivo, por se tornar objeto de investigação folclórica e exótica e porque a teoria literária se desvincula de um modelo analítico regido “pelas letras”.

Dessa maneira, ainda para o autor já citado, o valor poético dos textos orais precisa ser investigado por uma disciplina de caráter artístico e cultural. Para isso, é necessário que a poesia oral seja (re)colocada frente à teoria literária, uma vez que, para o pesquisador, não é fácil conceituar poesia oral, por isso, é significativo vê-la perder a sua oralidade e adentrar o contexto escrito.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* do ensino fundamental II valorizam a cultura oral como uma maneira do aluno adentrar o mundo da escrita, reconhecendo textos “literários orais”. Talvez seja por isso que Fernandes (2003) diz que o

objetivo central dos PCN's é integrar a cultura oral ao processo de escrita, já que, ao fazer isso, inicia-se uma permissão para coadunarmos as teorias de Câmara Cascudo (1898-1986), ligando o conceito de "literatura oral" às letras impressas de folhetos, a exemplo da literatura de cordel presente na produção literária de Jorge Amado (1912-2001) e estudada por Paul Zumthor (1915-1995) quando descobre a cultura brasileira.

Esse estudo feito por Zumthor, segundo Ferreira (2007), respeita a sua bagagem medievalista para a compreender, porém, distancia-se das ações eurocêntricas para aproximar do mundo de novas performances orais e culturais. Nesse sentido, Zumthor transita entre a cultura oral e a escrita, assim como Jorge Amado (1912-2001), pois a teoria literária é construída a partir dos textos escritos, fato que nos leva a refletir que não temos elementos necessários para construir a poesia oral, uma vez que a teoria literária não tem arcabouço para a estudar com precisão, porque é construída para textos escritos.

1. A oralidade na literatura amadiana

A literatura de cordel é definida por Abreu (1999) como uma literatura que está situada entre o discurso oral e o escrito, enquanto Ferreira (2014) a conceitua como uma das matrizes impressas da oralidade, porque mantém a linguagem falada, a rima, o ritmo e a métrica ao mesmo tempo que se materializa na escrita. Desse modo, preserva vivas a identidade e as tradições culturais de uma comunidade.

Nesse sentido, o escritor Jorge Amado (1912-2001) transita entre a oralidade e a escrita, porque imprime em sua obra marcas da oralidade, como os sambas, canções, acalantos, emboladas, mitos africanos e narrativas populares para abordar, por exemplo, as temáticas do racismo, da intolerância religiosa, da cultura africana e afro-brasileira e da liberdade feminina, além de ressaltar as características do homem brasileiro e da mulher brasileira através do mundo ficcional de personagens que nos são apresentadas por meio dos versos de ABC, que é um gênero do cordel cujo assunto anunciado em cada estrofe poética começa por uma letra do alfabeto em ordem crescente de A à Z, a exemplo dos ABC's de cordel de Baldo, de Rosa Palmeirão, de Tereza Batista, entre outros. Ademais, há a sua própria vivência como menino grapiúna das fazendas de cacau evidenciada no romance *O menino grapiúna* (1981), de sua autoria.

A partir das palavras da professora Rios (2007), relatadas no texto *A letra e a Seca: os ABC's do cordel nas memórias do sertão*, dizemos que os ABC's de cordel das personagens citadas no parágrafo anterior se fixam na linguagem falada e, por isso, estabelecem uma relação ambígua com o código escrito, "[...] uma ligação que exalta as letras, e ao mesmo tempo fazem isso em nome, também, da oralidade" (2007, p. 74).

É importante salientarmos que Jorge Amado (1912-2001) é um autor de romances que retoma a especificidade dos ABC's, destacando a poeticidade: “Já que pergunta com tanta delicadeza, eu lhe digo, seu moço: desgraça só carece começar” (Amado, 2008, p. 15):

Rosa Palmeirão tem navalha na saia.
Tem brinco no ouvido e punhal no peito.
Não tem medo de rabo-de-arraia.
Rosa Palmeirão tem corpo-bem-feito.
(Amado, 2012, p. 52)

Esses versos de ABC da narrativa *Mar morto* (1936), cantados pelo velho Francisco para a personagem feminina Rosa Palmeirão, mostram que Jorge Amado (1912-2001) introduz a oralidade nesse romance para visibilizar a literatura de cordel, os trovadores populares e as narrativas de Palmeirão. Além disso, tais versos sinalizam que algo ruim anunciado antes desse acalanto acima poderia acontecer se alguém incomodasse essa mulher personagem, haja vista que ela utiliza ferramentas como navalha e punhal para se defender de assédios de sujeitos masculinos, pois, em sua história de vida, Rosa é assediada por causa dos atributos de seu corpo. Talvez por isso se “transforma” na Palmeirão, após sofrer aborto e violência doméstica. O fato de portar navalha e punhal e de não ter medo de rabo-de-arraia, que é um golpe de capoeira, sinaliza que talvez Jorge Amado (1912-2001) se inspira em capoeiristas femininas da década de 1920 para construir a Rosa Palmeirão, segundo Fialho (2021).

Ainda sobre a cultura popular, isto é, a literatura de cordel, o autor de *Suor* (1934) também usa a sua criatividade e cria, segundo Duarte (1994), os seguintes versos para o primeiro herói negro da literatura brasileira.

Este é o *abc* de Antônio Balduíno
negro valente e brigão
desordeiro sem pureza
mas bom de coração.
Conquistador de natureza
furtou mulata bonita
brigou com muito patrão
.....
morreu de morte matada
mas ferido à traição.
(Amado, 2008, p. 323)

O ABC acima resume os modos de vida e as aventuras de Baldo no romance *Jubiabá* (1935), que mostra o percurso de sua vida desde a sua infância, recebendo ensinamentos do Pai de Santo Jubiabá, até ir morar em outro ambiente familiar e depois fugir (por causa de intrigas feitas pela empregada) para viver nas ruas com outras crianças e adolescentes. Aqui, Amado inicia a temática dos menores abandonados, abordada no romance *Capitães*

da areia (1937). O romance que traz Baldo como protagonista evidencia que tem o sonho de ter um ABC de cordel como seu herói Lucas da Feira (1807-1849), sujeito de que falaremos logo mais a seguir. Tal desejo só é realizado no final da história narrada. Será que Amado recebeu inspiração da história e modos de vida do cangaceiro Lucas da Feira (1807-1849) para construir o personagem Antônio Balduino da narrativa citada no início do parágrafo? Conforme percebemos, aqui Amado chama a atenção do público ao empregar a oralidade nos versos da citação acima, cheios de rima e poeticidade utilizadas para a valorização da cultura popular.

Assim, Amado estabelece uma fusão entre a cultura popular e o seu mundo romanesco ao “[...] introduz[ir] técnicas da literatura de cordel: ‘A menina que sangrou o capitão’” (Ferreira, 2013, p. 88). Ao inserir essa literatura em sua produção, Amado introduz a oralidade em sua obra, porque essa literatura de cordel é uma poética oral que também se manifesta de forma impressa. Ao fazer isso, o autor de *Jubiabá* (1935) visibiliza essa cultura produzida pelo povo. Dessa forma, o autor de *Tieta do Agreste* (1977) cria os ABC’s dessas personagens por meio dos primórdios de suas vidas, que são evidenciadas a partir do imaginário de uma comunidade ficcional que, de acordo com Câmara (2013), as transmite por meio da tradição oral utilizada na obra de Amado com absoluta consciência, haja vista que essa tradição enaltece suas personagens que cometem façanhas e aventuras, tornando-as heróis e heroínas de um povo. Penso que não é somente essa tradição oral que torna a literatura de Jorge Amado (1912-2001) significativa. Há um trabalho conjunto, pois, ao colocar tal tradição em seus romances, Amado reconhece a importância desta para sua obra.

O dito acima é semelhante ao que Rodolfo Coelho Cavalcante (1919-1987) faz ao criar os ABC’s de personalidades que fazem parte da memória histórica e coletiva de nosso país, a exemplo do ABC do cangaceiro Lucas da Feira e de Maria Bonita:

-A-
Adeus Saco de Limão
Lugar aonde nasci,
Eu vou preso pra Bahia
Levo saudades de ti,
Sabendo que vou morrer,
Talvez eu não volte aqui! (...)
(Cavalcante, 1976, p. 01)

O mesmo ocorre com o ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros:

-A-
A amante de Lampião
Foi mulher de um sapateiro,
Esta vendo Virgulino –
O terrível cangaceiro

Resolveu mudar de vida
Para tornar-se homicida
No Nordeste brasileiro. (...)
(Cavalcante, 1976, p. 01)

Segundo Simas (2016), Lucas da Feira (1807-1849) é um cangaceiro famoso e conhecido no Brasil. Trata-se de um homem filho de pais escravizados que resolve construir sua própria liberdade em defesa dos seus direitos e dos seus irmãos de mesma etnia. É levado preso à capital baiana e enforcado por crimes que cometeu e por aqueles que não realizou. Pelo seu caráter de valentia, conquista as páginas da história do país ao ganhar seu próprio ABC, elaborado por importantes trovadores populares.

Assim como o cangaceiro citado acima, Lampião e Maria Bonita também ganham fama e ABC próprios. De acordo com Malva (2020, 2023), a esposa de Lampião, conhecida em vida como “Maria de Déa”, é dona de casa e casada por quinze anos com um primo sapateiro. Ao conhecer Lampião, resolve, por vontade própria, deixar tudo para trás e transformar-se em Maria Bonita, rainha do cangaço, que luta juntamente com Lampião e outros cangaceiros. Assim, é a primeira mulher brasileira a tornar-se uma cangaceira que espiona cidades para seu bando e traz pessoas para o cangaço.

Talvez por tentar empregar em sua obra técnicas da literatura de cordel, Amado, segundo Câmara (2013), empresta a sua voz – “[...] agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia” (Amado, 2012, p. 07) – por meio de sua obra para que o povo conte suas histórias, tradições e costumes a respeito de personagens que representem a vida do povo baiano e (por que não dizer?) do povo brasileiro, haja vista que sua produção literária é um projeto de identidade nacional composto de elementos da tradição oral como estratégia de se manter fiel às suas histórias contadas e deixá-las vivas e fixadas na memória de muitas gerações.

A expressão “voz” é utilizada por Câmara (2013), porque, quando as palavras de Amado são pronunciadas, a sensação é de que estamos ouvindo um contador de histórias. Por isso, nos dizeres desse pesquisador, os causos contados pelo autor de *Jubiabá* (1935) exigem um auditório que substitua diretamente o leitor para escutar, de sua própria boca, as suas narrativas carregadas de verbos no imperativo com o intuito de chamar/despertar a atenção dos ouvintes/leitores para o ouvir.

Agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia. Os velhos marinheiros que remendam velas, os mestres de saveiros, os pretos tatuados, os malandros sabem essas histórias e essas canções. Eu as ouvi nas noites de lua no cais do mercado, nas feiras, nos pequenos portos do Recôncavo, junto aos enormes navios suecos nas pontes de Ilhéus. O povo de Iemanjá tem muito que contar. Vinde ouvir essas histórias e essas canções. Vinde ouvir a história de Guma e de Lívía que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouvistes da boca de um homem da terra, e, dificilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo

quando esse homem ama essas histórias e essas canções e vai às festas de dona Janaína, mesmo assim ele não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem. (Amado, 2012, p. 07)

O primeiro verso da citação acima dá a impressão de que o leitor está em uma sala ampla, atento às histórias que o narrador irá contar/cantar sobre os marinheiros, os saveireiros, os malandros e os homens pretos tatuados (Amado, 2012). São histórias que ouviu do povo baiano quando andava pelas ruas e lugares como o cais do mercado e feiras. Nesse sentido, segundo Benjamin (1987), podemos dizer que esse narrador é um contador de histórias que permanece em seu lugar de origem, porque adquire o conhecimento das tradições e costumes daquele povo.

Câmara (2013) diz que Jorge Amado (1912-2001) dizia ser um contador de histórias quando a crítica tentava classificar sua literatura ou identificá-la em um estilo ou escola literária. Mas, segundo esse pesquisador, para localizar ou identificar esse contador de histórias, é importante colocarmos as narrativas em um ambiente de oralidade, como um auditório, e encontrarmos elementos da tradição oral que perpassem a obra de Amado.

Dessa maneira, Câmara (2013) ressalta que o fato de Amado estar integrado ao Nordeste brasileiro é fator determinante para associar a sua obra popular à oralidade, isto é, associar seu estilo ou maneira de contar histórias a elementos orais presentes na cultura nordestina, cuja tradição oral destaca uma infinidade de características orais.

Ao contar suas histórias, Jorge Amado (1912-2001) descreve a forma e/ou os modos de vida dos cidadãos da região da Bahia – que é o tema central de sua obra, ou seja, a cultura baiana e o contexto sociocultural como fio condutor de seus romances (Câmara, 2013). Como exemplo dessa oralidade, temos as cantigas populares e as narrativas contadas/cantadas pelo velho Francisco, presentes no romance *Mar morto* (1936), no capítulo *Acalanto de Rosa Palmeirão*.

Se de dia era valente,
Valente como ela só...
De noite era diferente.
Dos homens ela tinha dó...
(Amado, 2012, p. 54)

Nos versos cantados acima, identificamos alguns atributos direcionados à personagem Rosa. Esses adjetivos a comparam com um ser humano corajoso e bravo, cuja energia que circula durante o dia é de sujeitos masculinos. Contudo, à noite, a energia que percorre é feminina, então, nesse sentido, tal personagem pode representar a sua mãe Iemanjá, pois o último verso diz que Rosa tem dó dos homens, e isso pode significar que Rosa é maternal com eles. No entanto, o dito no último verso também pode sinalizar uma aproximação de Palmeirão com a Pombagira das religiões de matriz africana, haja

vista que tal personagem é vista pelo povo do cais ficcional como uma sedutora, livre, amante e perigosa, assim como a entidade citada acima é identificada por algumas pessoas da população brasileira. Dessa forma, notamos que nessas duas comparações Rosa é estigmatizada como homem e mulher livre, perigosa e amante. Será que o objetivo de Amado é estereotipar essa personagem? É criticar a sociedade dos anos de 1930 que reprime a mulher? Ou Amado está anunciando a modernização da mulher ao discutir, em seu romance *Mar morto* (1936), a liberdade desta?

Identificamos outro exemplo de oralidade presente na escrita de Jorge Amado (1912-2001), quando este narra as histórias de assombrações, contos de fadas e casos de escravidão contados por Luíza – a tia velha conservadora e envolvente de Antônio Balduino, o Baldo, personagem protagonista do romance *Jubiabá* (1935), no capítulo *Infância remota*.

Leitores que caso horrível
vou aqui vos relatar
me faz o corpo tremer e
os cabelos arrepiar
pois nunca pensei no mundo
existisse um ente imundo
capaz de seus pais matar
(Amado, 2008, p. 19)

Conforme vimos, a marca da oralidade aproxima a obra de Jorge Amado (1912-2001) de elementos da tradição oral, uma vez que a história contada no excerto acima, pela tia de Baldo, trata-se de uma história noticiada pelos jornais e que é rimada e ritmada por um poeta popular, autor de ABC e de sambas com o intuito de a vender no mercado. Além de entreter o público leitor, o cordel tem o seu caráter de informação. Será que o intuito de Jorge Amado (1912-2001) ao trazer esses versos acima para sua narrativa *Jubiabá* (1935) é dar visibilidade à cultura popular? Ou ele se aproxima dos poetas populares para ganhar fama e visibilidade popular, com isso tornando sua obra bem-vista e aceita pela população para melhorar o número de suas vendas?

Câmara (2013) diz que podemos identificar três tipos de representações orais da região nordestina na obra de Jorge Amado (1912-2001) consideradas poesias populares: a literatura de cordel, o repente e o ABC. Em *Mar morto* (1936), no capítulo *Um navio ancorou no cais*, existe uma cena em que personagens se enfrentam numa luta de capoeira, mas no ritmo de uma cantiga denominada embolada.

No mercado cantam.
É um grupo de marinheiros e carregadores.
No meio um mulato dança e canta:
Sou mulato e não nego
Ai, meu Deus, de mim tem pena!
Embora eu queira negá,

Meu cabelo me condena. (...)
Inda querendo sê branco
O cabelo me crimina...
(Amado, 2012, p. 88)

Os versos acima mostram a presença da oralidade, da rima, do ritmo, da dança e da dualidade. Além disso, é possível percebermos um sujeito que sabe sua origem e que não a nega, mas, se sofrer preconceito, é possível inferirmos que fará resistência por meio da capoeira, embolada e dança. Será que Jorge Amado (1912-001) é inovador ao trazer a cultura popular da Bahia para seus romances? Penso que sim, pois, na citação acima, emprega a oralidade para destacar o discurso da personagem e mostrar a cultura popular. Nesse caso, sua literatura é um veículo de informação e divulgação.

Segundo Viana (2009), é nesse espaço físico – singular e plural – que Jorge Amado (1912-2001) retrata, em sua produção literária, personagens que representam as pessoas da Bahia. Ainda diz que é nessa representação que o homem brasileiro ganha destaque, juntamente com o regionalismo, que não tinha tanta importância na literatura brasileira. Dessa maneira, as personagens ganham uma relevância social e natural, porque representam, pela escrita de Amado, o povo baiano-brasileiro com seus costumes e crenças.

Nesse sentido, Viana (2009) salienta que os escritores nordestinos que vivenciam a passagem de um Nordeste medieval para uma realidade nova – capitalista e imperialista – merecem destaque primordial. Entre eles, cita Jorge Amado (1912-2001), que se manifesta no prefácio de seu romance *São Jorge dos Ilhéus* (1944):

Em verdade este romance e o anterior, Terras do sem-fim, formam uma única história: a das terras do cacau no sul da Bahia. Nesses dois livros tentei fixar, com imparcialidade e paixão, o drama da economia cacauceira, a conquista da terra pelos coronéis feudais no princípio do século, a passagem das terras para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem. E se o drama da conquista feudal é épico e o da conquista imperialista é apenas mesquinho, não cabe a culpa ao romancista. (Amado, 2010, p. 11).

Então, como representante do regionalismo brasileiro baiano da zona rural do cacau e da zona urbana de Salvador, segundo Viana (2009), Amado tinha como preocupação fixar os tipos marginalizados da sociedade para, assim, analisá-la. Em sua obra, nos dizeres desse teórico, é nítida a presença marcante da linguagem coloquial do povo brasileiro, em especial, do povo baiano.

Tal fato, para o autor acima, rende-lhe críticas dos mais puristas – sujeitos que se opõem a mudanças – devido às marcas de lirismo e postura ideológica adotadas por ele em seus romances. Cabe ressaltarmos que Amado não faz segredo sobre sua posição política, de homem público e de escritor, pois, além de dedicar livros a Luís Carlos Prestes (1898-1990), escreve a biografia desse grande líder do comunismo brasileiro.

Dessa maneira, o pesquisador mencionado ainda diz que a obra de Jorge Amado (1912-2001) exhibe o sertão baiano com suas belezas, sua cultura, suas peculiaridades e mazelas pelo fato de ter feito sozinho longas viagens pelos sertões, deixando de estudar no Colégio Antônio Vieira no ano de 1924.

Notamos que a viagem realizada pelo sertão baiano rendeu ao autor de *Cacau* (1933) “frutos” positivos, haja vista que redigiu um número significativo de livros, cujos resultados foram significantes, pois não apresenta somente marcas da oralidade, mas, também, retrata a vida coletiva dos cidadãos do nordeste baiano, com destaque, segundo Duarte (1996), para as questões raciais, o respeito às diferenças étnicas, além de trazer à tona elementos linguísticos da cultura popular, da culinária afro-brasileira originária do candomblé, a capoeira e a dança. Ademais, destaca o uso de atabaques, que contribuíram como elementos de percussão para enriquecer a música popular brasileira. Então, enfatizo que sua obra é divulgadora da cultura popular baiana-brasileira.

Além de tudo isso, o pesquisador Viana (2009) atribui a Jorge Amado (1912-2001) um amor lírico ao seu senso poético que o faz voltar à sua terra natal por meio da valorização do povo baiano. O enaltecimento dessa gente é notado quando o escritor transporta para sua obra personagens, hábitos, oralidades, costumes, compreensão dos sentimentos e aspirações da população. Na produção literária de Amado, o autor acima diz que não existe racismo nem quaisquer preconceitos, pois nela há harmonia e união entre aqueles que lutam pela mesma causa. Por isso, diz que Amado ama as pessoas de sua terra, porque trazem a essência da liberdade e da humanidade. Já que a literatura é a representação da realidade, será que a obra de Amado possui algum tom pejorativo e preconceito vindos de personagens antagonistas em direção às protagonistas? A sua obra tem vilões que humilham os sujeitos subalternizados? Dessa maneira,

Jorge Amado revela-se um homem culto, um escritor com sensibilidade aguçada, um crítico que procurava denunciar os problemas sociais que norteavam a sociedade da época, despreocupando-se com o rigor formal da linguagem literária, trazendo a oralidade para suas páginas. Ao longo da sua produção literária esse autor procura reelaborar através de recortes espaciais uma feição de referência ao Nordeste e, principalmente à Bahia. Assume, assim um papel importante na representação do espaço sócio-histórico que é delimitado pelo próprio escritor como o espaço por excelência chamado Bahia, terra da felicidade e da liberdade. (Viana, 2009, p. 02)

Se Jorge Amado (1912-2001) denuncia as mazelas da sociedade, é claro que sua obra não é um simples conto de fadas em que tudo é lindo, perfeito, romântico e maravilhoso, pois, ao parafrasear Jouve (2012), penso que a produção de Amado é uma obra de arte, isto é, uma criação literária que atualiza seu sistema linguístico em que está inscrito. Tal atualização perpassa as significativas temáticas presentes em sua literatura, como o racismo, a liberdade

da mulher, a cultura popular e a oralidade, que atualizam sua obra, dando visibilidade aos sujeitos subalternizados para tornar as histórias destes evidentes, haja vista que empresta a sua voz para esses indivíduos cantarem/contarem suas narrativas e modos de vida.

Assim, para visibilizar os sujeitos subalternizados, o autor de *Mar morto* (1936) cria versos para contar as histórias e os modos de vida de personagens fictícias, como a já citada Rosa Palmeirão, que representa mulheres do plano não ficcional. Dessa maneira, esse escritor pode ter feito uma escolha política ao ressaltar questões em sua obra que colocam os indivíduos subalternizados, a oralidade e a cultura popular como foco central de discussão.

Talvez por isso os temas redigidos em sua produção ficcional, a partir dos anos 1930, são atuais no contexto social brasileiro marcado por preconceitos. Assim, é urgente que as discussões temáticas da produção amadiana adentrem os portões dos ambientes educacionais básicos a partir de uma proposta curricular modernista inserida no ensino de língua/literatura que contemple os estudos da memória, da história e da cultura do povo afro-baiano-brasileiro por meio da valorização da oralidade, uma modalidade de comunicação que antecede a escrita e que se faz presente em sua obra a partir das poéticas orais, da contação de histórias e do diálogo das personagens. Acreditamos que as temáticas abordadas na obra de Amado são significativas para a contribuição do ensino-aprendizagem.

Considerações finais

O escritor Jorge Amado (1912-2001) cria e constrói suas personagens a partir de sua experiência de vida e observação do cotidiano popular. Como admirador do escritor Oswald de Andrade (1890-1954), torna-se seu amigo, pois conjuga os mesmos ideais de construção de uma literatura nacional desvinculada dos moldes europeus.

A partir daí, segundo Amaral (2013), sua luta por uma identidade nacional realizada, primeiramente, na cultura é consequência de ter sido participativo em grupos literários, em partidos políticos e junto de intelectuais de diferentes ordens (liberais, católicos e de esquerda), desde a faculdade de Direito.

A participação nesses grupos lhe desperta o interesse pela questão da identidade nacional que habita a sua produção literária (Amaral, 2013). A sua formação intelectual agitada e efervescente, da década de 1930, aguça a

sua característica de bom observador [que] marca em seus personagens a necessidade de pensar a si mesmo, de retornar ao passado, buscar suas origens, rituais, evolução e cultura, para através do resgate da história pessoal e social e da recuperação de imagens ir em direção ao futuro; a busca não só de uma identidade nacional, mas também pessoal. (Amaral, 2013, p. 53)

Todas essas ideias perpassam a sua obra, pois, como bom observador, destaca as discussões de gênero, etnia, religiosidade, a questão do negro, os rituais do candomblé, a cultura popular, a identidade de um povo e a tradição oral em narrativas como *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), entre outras. Foi dessa maneira que Amado escreve/conta as suas histórias que falam de um público, uma comunidade ou uma sociedade que almeja, até hoje, a liberdade de poder desfrutar dos mesmos direitos que todos desfrutam, independentemente da etnia, religiosidade, gênero e classe social, uma vez que a sua literatura evidencia a subjetividade de uma sociedade que continua em resistência permanente, valorizando a cultura popular e questões que a perpassam, como a oralidade.

Referências

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AMADO, Jorge. *Tieta do Agreste*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- AMADO, Jorge. *Suor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- AMADO, Jorge. *O menino grapiúna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMADO, Jorge. *Mar morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AMADO, Jorge. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- AMARAL, Telma Maria Bernardes. O autor e a criação: Jorge Amado, o Exu da esperança. In: D'ANGELO, Biagio, SILVA, Márcia Rios da. *Cacau, Vozes e Orixás na escrita de Jorge Amado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, p. 43-64.
- BENJAMIN, Walter. O narrador-considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas. vol. 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 197-221.
- CÂMARA, Ricardo Pieretti. Oralidade e escrita na obra de Jorge Amado. In: D'ANGELO, Biagio, SILVA, Márcia Rios da. *Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, p. 95-116.

COSTA, Edil Silva. *Licenciatura em letras: Língua Portuguesa e Literaturas- Literatura oral e popular*. Salvador: EDUNEB, 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. Jorge Amado e o Bildungsroman proletário. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. vol 2. no 2, p. 157-164, 1994. Disponível em <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/28/29>. Acesso em: 04 ago. 2025.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. A voz nômade: introduzindo questões acerca da poesia oral. In: *A voz em performance: Uma abordagem sincrônica de narrativas e versos da cultura oral pantaneira*. 2003. 377 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, p. 18-50, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103697>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

FERREIRA, Jerusa Pires. O universo conceitual de Paul Zumthor no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 45, p. 141-152, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34586>. Acesso em: 15 ago. 2025. doi: 10.11606/issn.2316-901X.v0i45p141-152.

FERREIRA, Jerusa Pires. Tereza Batista – uma heroína viva em texto e imagem. In.: D'ANGELO, Biagio, SILVA, Márcia Rios da. *Cacau, vozes e orixás na escrita de Jorge Amado*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013, p. 87-94.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Matrizes impressas do oral: Conto Russo no Sertão*. Cotia: Ateliê Editorial, 2014.

FIALHO, Paula Juliana Foltran. *Mulheres incorrigíveis: histórias de valentia, desordem e capoeiragem na Bahia*. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

JOUBE, Vicent. *Por que estudar literatura?* Tradução: Marcos Bagno; Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

RIOS, Kênia Sousa. A letra e a Seca: os ABC 's do cordel nas memórias do sertão. *TRAJETOS - Revista de História da UFC*, v. 5, n. 9/10, p. 67-83, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20020>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SANTOS, Marcelo Barbosa dos. *Uma leitura arquetípica do feminino em Mar Morto, de Jorge Amado: o sagrado e o humano, com foco nas personagens Iemanjá e Rosa Palmeirão*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2808>. Acesso em: 01 jun. 2025.

Endereços Eletrônicos:

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *ABC de Lucas da Feira*. Salvador, 1976. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/7975>. Acesso em: 05 dez. 2024.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *ABC de Maria Bonita, Lampião e seus cangaceiros*. Rio de Janeiro, 1976. Disponível em: <https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/7975>. Acesso em: 05 dez. 2024.

MALVA, Pamela. Aventuras na história. *Rainha do cangaço: Quem foi Maria Bonita?*, 12 jan. 2020, atualizado em 31 jan. 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-quem-foi-maria-bonita.phtml>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SIMAS, Adilson. *Lucas da Feira*, 19 fev. 2016. Disponível em: <https://www.feiradesantana.ba.gov.br/secom/noticias.asp?idn=14154>. Acesso em: 26 abr. 2025.

VIANA, Francisco Roberto de Oliveira. *A figura feminina na obra de Jorge Amado: Tereza Batista Cansada de Guerra*. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Língua Portuguesa da Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ, em Aracati - CE. Julho, 2009. Disponibilidade em: <http://blogdotinocoluna.blogspot.com/2009/07/tereza-batista-cansada-de-guerra.html>>. Acesso em: 15 ago. 2025.